

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

**GABRIELA CARVALHO SOLGON**

**O ENSINO DA LITERATURA E O ENSINO MÉDIO:  
APROXIMANDO DISTÂNCIAS**

**MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO**

**CURITIBA  
2015**

GABRIELA CARVALHO SOLGON

**O ENSINO DA LITERATURA E O ENSINO MÉDIO:  
APROXIMANDO DISTÂNCIAS**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, pelo Departamento Acadêmico de Linguagem e Comunicação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Zago

CURITIBA  
2015



---

---

## TERMO DE APROVAÇÃO

**ALUNA: Gabriela Carvalho Solgon**

**Polo: Diadema**

### TÍTULO DA MONOGRAFIA:

**O ensino da literatura e o Ensino Médio: aproximando distâncias.**

Esta monografia foi apresentada às 8h30h do dia 12/12/2015 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no curso de Especialização em **Ensino de Língua Portuguesa e Literatura** da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho:

1		Aprovado
2	X	Aprovado condicionado às correções Pós-banca, postagem da tarefa e liberação do Orientador
3		Reprovado

Prof. Leandro Zago  
UTFPR – Câmpus Pato Branco  
(Orientador)

Prof. Marcelo Fernando de Lima  
UTFPR – Câmpus Curitiba

Prof. João Mansano Neto  
UTFPR – Câmpus Curitiba

**OBS: O DOCUMENTO ORIGINAL ENCONTRA-SE ARQUIVADO NA SECRETARIA DO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA**

## RESUMO

SOLGON, Gabriela Carvalho. **O ensino da literatura e o ensino médio**: aproximando distâncias. Curitiba, 2015. 18 fls. Monografia. (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Curitiba, 2015.

Os adolescentes, nos últimos anos, vêm consumindo cada vez mais a literatura, fato confirmado pelo estrondoso sucesso da última edição da Bienal do Livro promovido pelo público jovem. Entretanto, quando nos deparamos com as leituras realizadas na escola, essa realidade muda. Para entender os motivos que contribuem para essa mudança de postura o artigo pretende investigar, a partir da análise de um questionário respondido por alunos do 3º ano do Ensino Médio da Escola Técnica Estadual Jorge Street, por que a leitura quando escolarizada deixa de ser tão atrativa? Além disso, o artigo apresentará alternativas metodológicas como o letramento literário e a teoria da recepção no intuito de aproximar mais o alunado e a literatura apresentada no ambiente escolar

**Palavras-chaves:** ensino, literatura, letramento literário, teoria da recepção.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>5</b>
<b>2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>7</b>
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>10</b>
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>11</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO.....</b>	<b>15</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>17</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino médio é a etapa final da educação básica do jovem brasileiro. Nesta fase, habilidades como a criticidade, resolução de problemas, análise de fenômenos naturais, interpretação e redação de diversos gêneros textuais são ampliadas e aprimoradas. Conforme norteiam os PCN,

[a]s propostas de mudanças qualitativas para o processo de ensino-aprendizagem no nível médio indicam a sistematização de um conjunto de disposições e atitudes como pesquisar, selecionar informações, analisar, sintetizar, argumentar, negociar significados, cooperar, de forma que o aluno possa participar do mundo (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 2000, P. 5).

Também é nesse ciclo que o estudante inicia os estudos literários pautados na cronologia, contexto histórico e análise do cânone clássico literário, com a premissa da ampliação das competências leitora e escritora. Amparado por um ambiente de ensino-aprendizagem que, teoricamente, proporciona, ou deveria proporcionar a sistematização de “um conjunto de disposições e atitudes como pesquisar, selecionar informações, analisar, sintetizar, argumentar, negociar significados e cooperar,” o professor tem a grande tarefa de tentar criar familiaridade entre o adolescente e os clássicos da literatura brasileira.

Entretanto, quando observado a realidade nas escolas brasileiras, através dos resultados de avaliações institucionais, como o Saesp (Sistema de Avaliação de Rendimentos Escolar de São Paulo) e o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) que além de avaliarem a competência leitora, medem a aproximação entre os alunos e a literatura clássica brasileira, fica evidente que há inúmeros problemas a serem enfrentados no ensino da literatura no que se refere ao estímulo da leitura dos livros adotados pelo plano de ensino da escola e a importância da aula de literatura para a formação cultura cidadã.

Outro aspecto importante a ser considerado é a escolha dos livros literários que irão compor a relação analisada ao longo do semestre letivo do ensino médio, pois é muito comum a escolha de determinada obra literária em detrimento de outra não somente pelo seu valor estético e humanístico, mas por sua adoção nos principais vestibulares do Brasil, como expresso na proposta curricular da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e no plano pedagógico de inúmeras escolas da rede particular de ensino.

Entende-se que o cânone, ou as obras literárias que se perpetuaram nas antologias das principais universidades brasileiras, não pode ser ignorado. O cânone pode ser sim questionado, mas não ignorado, pois é histórico, e chegou até nós com todas as suas peculiaridades. Dessa forma, o trabalho do professor de Língua Portuguesa e Literatura torna-se uma tarefa árdua, uma vez que há uma certa limitação impositiva, diria, de algumas obras literárias no próprio material didático, que ao longo dos anos não tem apresentado obras clássicas diversificadas e contemporâneas, mas somente as indicadas pelo sistema de vestibulares brasileiro. Tal fato restringe a formação intelectual e moral contemporânea, fazendo parecer que a literatura é coisa do passado.

Neste sentido, o presente artigo pretende analisar quais fatores atrapalham a leitura e a fruição de uma obra canônica da literatura brasileira no ambiente escolar e a opinião dos adolescentes sobre a relevância das aulas de literatura. Para essa análise foi aplicado um questionário, com oito questões dissertativas, em uma turma do 3º ano do ensino médio, da Escola Técnica Estadual Jorge Street, no qual os alunos expuseram suas opiniões. Ancorada nessa análise, a pesquisa apontará para possíveis sugestões em relação a utilização de outras metodologias no ensino da literatura como o letramento literário e a teoria da recepção, para que a vivência literária na sala de aula seja significativa e transformadora.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Baseando-se principalmente nas obras de Rildo Cosson, Maria da Glória Bordini, Paulo Freire, e Regina Zilberman, além dos autores e das teorias encontradas nos PCN, este artigo busca embasamento teórico para compreender e discutir a mudança de paradigmas pela qual passa a escola brasileira de um modo geral, e especificamente quanto ao ensino da literatura no ensino médio.

Ao afirmar que a escola passa por um momento de mudança de paradigmas, entende-se que o aluno que chega ao ensino médio vem rodeado de uma série de aparatos tecnológicos que contribuem para a sua autonomia. Há não muitos anos, o professor e a escola eram considerados a fonte do conhecimento. Hoje o conhecimento está em toda parte, e se multiplica com maior velocidade do que podemos compreender. Desta forma, novas práticas pedagógicas vêm sendo difundidas no intuito de “atualizar” a escola na sua relação com alguns conteúdos pedagógicos. Sites, elaboração de vídeos, aulas online, livro digital e uma infinidade de ferramentas tecnológicas estão sendo incorporadas pela escola com o intuito de facilitar o processo de ensino-aprendizagem, e não com a pretensão de dar-lhe um ar de modernidade. Entretanto, o ensino de algumas disciplinas se mantém inalterado em sua concepção e perdura por séculos, como o caso da abordagem que se faz à literatura.

O ensino por meio das escolas literárias, separadas cronologicamente e privilegiando determinadas obras clássicas do cânone brasileiro permanece atual e sem perspectiva de mudança. Esse método tem se mostrado ineficaz quanto a despertar o interesse do aluno do ensino médio para a literatura, principalmente a clássica<sup>1</sup>. Assim nos deparamos com alunos desmotivados e professores frustrados, já que para lecionar literatura vêm-se “obrigados”, muitas vezes, pela comunidade escolar, que foca em bons resultados em vestibulares e avaliações externas, ou pelos livros didáticos, que respondem a essa lógica privilegiando o saber cobrado em avaliações, a não questionarem essa “imposição” de determinadas obras clássicas pelo vestibular, perdendo a oportunidade de ampliar as opções leituras. Conforme afirma Cosson:

---

<sup>1</sup> Entenda-se por “clássica” a obra que é considerada como principal representação de determinado movimento literário, ou que caracteriza uma ruptura com pensamentos e/ou movimentos anteriores.



[...] nas escolas uma situação difícil com os alunos, os professores de outras disciplinas, os dirigentes educacionais e a sociedade, quando a matéria é literatura. Alguns acreditam que se trata de um saber desnecessário. Para esses, a literatura é apenas um verniz burguês de um tempo passado, que já deveria ter sido abolido das escolas. Eles não sabem, mas pensam que não precisam aprender literatura, porque já conhecem e dominam tudo o que lhes interessa. Essa postura arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como apêndice da disciplina Língua Portuguesa, quer pela sobreposição à simples leitura no ensino fundamental, quer pela redução da literatura à história literária no ensino médio. (COSSON, Rildo, 2012, p.10).

Nesse sentido é preciso pensar em novas formas de se abordar a literatura em sala de aula para que se possa, não somente instruir o aluno em um determinado conteúdo escolar, mas fazê-lo refletir sobre o seu cotidiano e a sua experiência subjetiva como sujeito. Segundo Cosson (2012, p. 17), é na leitura e na escritura do texto literário que “encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos.” Ainda segundo o autor, a literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos, pois é uma experiência a ser realizada, muito mais que apenas um conhecimento a ser reelaborado. Desta forma, compreender o ensino e a aprendizagem da literatura como a “incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade,” é, na verdade, ensinar o aluno a pensar, a representar, a interpretar suas próprias condições e possibilidades, sem limite de tempo ou espaço. Partindo de uma abordagem *modernista*, ensinar literatura é aprender a interpretar a realidade (seja ela o que for), e não somente representá-la como no *Realismo*, ou procurar provar uma tese científica, como no *Naturalismo*. Conforme afirma Cosson, “é por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção” (2012, p. 17).

A escola tem que se firmar como um ambiente criativo, inovador, cultural e educativo, pois não faz sentido perdurar em uma prática infrutífera apenas por pressão dos vestibulares nacionais e materiais didáticos. O ensino da literatura não pode ser sinônimo de uma atividade sem sentido e desprazerosa, nem o livro literário adotado na escola “chato” e difícil. Soares<sup>2</sup> (2001 apud COSSON, 2012, p. 19) afirma que

---

<sup>2</sup> SOARES, Magda B. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy; BRINA, Heliana; MACHADO, Maria Zélia (orgs.) *A escolarização leitura literária*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

[...] conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significa negar a própria escola [...]. O que se pode criticar, o que se deve negar *não* é a escolarização da literatura, mas a inadequação, a errônea, a imprópria escolarização da literatura, que se traduz em sua deturpação, falsificação, distorção, como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o (Ênfase no original).

A escolarização da literatura não precisa e não deve ser uma experiência negativa. É preciso oferecer novas possibilidades metodológicas a alunos e professores nesse processo. Quais seriam algumas dessas novas possibilidades?

Uma alternativa para alterar esse quadro seria, por exemplo, ao invés de se analisar somente o contexto histórico e estético dos períodos literários, introduzir a estética da recepção na análise dos clássicos brasileiros:

O valor estético de um texto é medido pela recepção inicial do público, que compara com outras obras já lidas, percebe-lhe as singularidades e adquire novo parâmetro para a avaliação de obras futuras (elabora um novo horizonte de expectativas) (ZILBERMAN, 1989, p.158).

Com o método recepcional, o ensino da literatura mostrar-se-ia mais acessível e significativo para os alunos, já que para introduzir uma obra clássica, o professor partiria primeiro do horizonte de expectativas dos estudantes, ou seja, de algo que lhes é familiar para algo totalmente novo, promovendo a ampliação desse horizonte. Isto está em conformidade com a pedagogia construtivista, de Piaget, a qual afirma que o conhecimento não se constrói “do nada,” mas alia-se com conhecimentos prévios, numa ponte de entendimento entre a “velha” e a “nova” visão. Desta forma, o professor tem fundamental importância no letramento literário de seus alunos, possibilitando que possam ir além de decorar características estéticas e históricas de um período literário, mas que consigam visualizar, perceber, e entender o que de universal, de humano, e de valor existe naquela obra que pode contribuir para que se entenda essa nossa experiência humana, seja no século passado, ou nos tempos atuais.

### 3. METODOLOGIA

O presente estudo utiliza-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa desenvolvida a partir da análise de vinte e sete questionários respondidos individualmente por alunos do 3º ano do ensino médio, entre 16 e 18 anos, da Etec – Escola Técnica Estadual – Jorge Street, localizada no município de São Caetano do Sul, famoso pelo seu excelente IDH – Índice de Desenvolvimento Humano – entre as cidades da grande São Paulo. Esta unidade do Centro Paula Souza atende alunos vindo de vários municípios da região do ABCD – área conhecida como a Detroit brasileira em referência a grande concentração das mais importantes montadoras automotivas do Brasil. Os alunos entrevistados não trabalham pois cursam o ensino médio integrado ao ensino técnico, na área de informática, por isso permanecem na escola por um período integral. O perfil socioeconômico dos estudantes dessa turma é de maioria classe média caucasiana.

O questionário de oito questões investiga os hábitos mantidos pelo alunado em relação a leituras realizadas na escola, a partir do ensino fundamental ao ensino médio, quando e como se deram as experiências literárias escolares e qual o impacto positivo e/ou negativo da leitura literária na escola. No cotidiano, preferência de gênero e temática, autores e livros mais lidos, como e quando passou a se relacionar com a literatura fora da escola. E por fim a sua opinião sobre as aulas de literatura, relevância para a vida e impressão a respeito dos conteúdos abordados. A intenção é verificar o(s) motivo(s) de muitos jovens, leitores no seu cotidiano, não praticarem ou não se interessarem pela leitura na escola e a partir das respostas apresentadas apontar um caminho para os professores auxiliarem no letramento literário dos seus estudantes.

#### 4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Serão apresentados os resultados da pesquisa a partir das justificativas dadas pelos alunos a cada uma das oito questões que compunham o questionário.

A primeira pergunta investiga a frequência da leitura realizada pelos alunos de obras literárias. Dezoito alunos responderam que possuem o hábito da leitura, porém o fazem com pouca frequência, sendo realizado somente a pedido da escola ou quando algo lhes chama a atenção, ou seja, de uma certa maneira, a maioria dos estudantes que participaram da pesquisa tem familiaridade com a leitura. É interessante observar que nessa questão alguns alunos não classificaram suas leituras pessoais (*best-sellers juvenis*) como obras literárias. Seis alunos responderam ler com bastante frequência, seja na escola ou fora dela, e; apenas três alunos responderam não possuir o hábito da leitura.

A segunda pergunta diz respeito aos gêneros literários e títulos preferidos de cada estudante. A maioria citou algum romance contemporâneo juvenil de ficção científica, aventura, suspense ou fantasia. Entre os títulos mais mencionados estão: *Harry Potter*, *Senhor dos Anéis*, *O Guia do Mochileiro das Galáxias*, *O Hobbit*, *Jogos Vorazes*, *Percy Jackson*, *The Walking Dead* e a série *Instrumentos Mortais*. Percebe-se que a indústria cinematográfica tem muita influência na escolha da literatura dos alunos, já que todos os livros possuem adaptações para o cinema ou televisão. Além disso, o apelo comercial dessas obras é bem maior do que uma obra canônica nacional, como por exemplo *Vidas Secas*, pois há inúmeros produtos (jogos virtuais, material escolar, camisetas) atrelados a esses livros. Apesar de os clássicos serem obrigatórios para alguns vestibulares, eles não contemplam espaço na escolha dos alunos, entretanto para diminuir essa distância há sempre a possibilidade de se fazer uma ponte com o método recepcional, entre o universo dos *best-sellers* e a literatura clássica brasileira.

A próxima questão refere-se à maneira pela qual o hábito da leitura foi desenvolvido (ou não) pelos alunos; quatro responderam que o gosto pela leitura foi desenvolvido na escola; três disseram que o incentivo veio da família, e; seis alunos relataram não gostar de ler em virtude da falta de incentivo, tempo ou por se tratar de uma atividade maçante. Os outros alunos não mencionaram nenhuma instituição (família ou escola) responsável por incentivá-los, mas o meio que despertou o interesse para o universo da leitura – gibis, mangás, jogos virtuais, adaptações cinematográficas e animações. Esse dado trazido pela questão é interessante, pois vinte alunos apontaram que o contato com a leitura foi fora da escola através de algo que pertence ao universo particular de cada um, mostra a pouca influência da família e da escola no desenvolvimento do hábito da leitura.

Na sequência, foi perguntado aos alunos se eles já haviam lido algum livro na escola, em qual série e como foi a experiência. Todos os alunos responderam já ter lido algum livro solicitado pelo plano da escola, entretanto cinco acharam essa experiência ruim. Os outros alunos, relataram que, em alguns momentos, a experiência fora positiva, porém boa parte desse grupo (doze alunos), relataram somente a experiência do ensino fundamental II como sendo positiva. Três alunos tiveram essa mesma experiência no ensino médio e sete alunos relataram ter tido experiências positivas em ambos os ciclos. Fica evidente a preferência dos alunos pelas obras lidas no ensino fundamental II em virtude da escolha dos livros que estão em seus horizontes de expectativas, criando uma leitura previsível e prazerosa. Já o ensino médio, ao introduzir clássicos do cânone da literatura brasileira nas indicações de leitura, muitas vezes, não consegue transformar essa leitura em uma experiência positiva, pois não há um cuidado na transição dos livros que estão no horizonte de expectativa dos alunos para a ampliação desse horizonte. Diferente do ensino fundamental II, no ensino médio os alunos parecem não criar familiaridade com os livros em virtude dos obstáculos que aparentemente não conseguem transpor, como vocabulário, descontextualização e distâncias cronológica e temática.

A quinta pergunta questionava se o aluno havia lido alguma obra neste ano sugerida pelo professor e como havia sido essa experiência. A maioria dos alunos realizou essa atividade, e entre os títulos foram citados: *Capitães da Areia*, tendo uma boa recepção entre os alunos; *Vidas Secas*, sendo criticado por se tratar, como disseram os alunos, de uma história “parada” e *Sentimento do Mundo*, avaliado positivamente. Dos dezessete alunos que leram, onze afirmaram ter sido a experiência positiva e sete, negativa. O restante da turma não efetuou nenhuma leitura. Nesta questão observa-se que a obra com maior receptividade entre os alunos é *Capitães da Areia*, talvez em virtude da temática estar mais próxima do cotidiano dos alunos, diferente de *Vidas Secas*, que a princípio, para um estudante residente numa área urbana e industrializada pode estar distante de suas vivências. Já *Sentimento do Mundo* se fez mais acessível devido, principalmente, ao vocabulário.

Na sequência os alunos responderam se caso não houvesse a indicação do professor se eles teriam lido as obras listadas na questão anterior. Nove alunos responderam que leriam. Cinco, dentre os nove, justificaram a leitura da obra em virtude do vestibular, e quatro relataram que leriam por indicação de amigos ou familiares. Sete alunos disseram que não leriam as obras por serem cansativas, com vocabulário arcaico e temática desinteressante. Os outros alunos indicaram não terem lido nenhuma obra solicitada. Nesta pergunta fica evidente

a pouca influência do ensino da literatura no ensino médio, pois a maioria não se sentiu motivada a ler nenhuma obra solicitada pelo professor e os outros alunos que leram fizeram primeiramente por preocupação com o vestibular.

A penúltima pergunta investiga a opinião que os alunos têm sobre a escolha dos livros literários no 3º ano e a respeito da aula de literatura. Os alunos apontaram que é importante a indicação, a leitura e a análise de obras literárias, entretanto muitos reclamaram da escolha das obras, pois justificaram como serem sempre livros “antigos”, com vocabulário arcaico e que correspondem principalmente aos vestibulares. Já em relação às aulas de literatura, todos reconhecem sua importância, apesar de alguns apontarem como algo maçante, e reconhecerem o esforço do professor em transformar a aula em uma atividade interessante. O que chamou a atenção é que os alunos apontam a importância das aulas de literatura por causa do conhecimento de história adquirido e a exigência das características estéticas literárias cobradas nos vestibulares, e não como uma possibilidade de fruição e ampliação do universo da leitura. A esse respeito, Cosson comenta:

No ensino médio, o ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa retórica em uma perspectiva para lá de tradicional. Os textos literários, quando aparecem, são fragmentos e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários antes nomeados (COSSON, Rildo, 2012, p.21).

Por fim, foi perguntado aos alunos se seria possível, ao longo do ensino médio, desenvolver e ampliar o hábito da leitura e de que maneira isso seria possível. Quatro alunos acreditam não ser possível despertar o hábito da leitura nesse etapa devido ao fato de que se o aluno chegou até o 3º ano sem aproveitar-se dos benefícios da leitura, não será possível ou simples reverter essa situação, mas grande parte dos alunos acredita ser possível incentivar um jovem por meio das aulas de literatura, porém todos concordam que para *sensibilizar* esse adolescente é preciso oferecer obras diversificadas, atuais, com vocabulário mais simples; obras que estejam em seu horizonte de expectativa, ou seja, próximo do seu universo. Novamente Cosson (2012, p. 35) afirma ser papel do professor fazer a transição entre o conhecido e o desconhecido pelo aluno a fim de proporcionar a ampliação do seu horizonte de expectativa. Segundo os alunos, quanto mais opções diversificadas melhor. Tal anseio é igualmente apontado por Magnani:

Passando obrigatoriamente pela concepção de escola e de sociedade que queremos, a formação do leitor envolve também a *diversidade* como princípio norteador dos critérios de seleção e utilização dos textos e da reflexão sobre a formação do gosto das pessoas-alunos, não só para um vir a ser, mas também para um *aqui* e agora, principalmente político. [grifos da autora] Maria do Rosário M. Magnani. *Leitura, literatura e escola* (1989 apud CONSON, 2012, p. 31).

Longe de se engajar em debates sobre o que é e o que não é literatura, e de como tal obra é esteticamente superior a uma outra, o Conselho Nacional de Educação deveria ampliar as possibilidades de formação de nossos estudantes nas escolas do Brasil, permitindo uma adaptação mais real aos currículos dos vestibulares, especialmente o ENEM.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO

Muito se questiona hoje a respeito das dificuldades existentes em relação ao se estudar literatura e conseqüentemente trabalhar a leitura literária no ensino médio, muitas vezes, o aluno se vê “obrigado” a realizar determinadas leituras somente para prestar o vestibular.

A pesquisa nos mostrou que os grandes entraves do ensino da literatura, não são, como se pensava, a falta de leitura entre os jovens pois grande parte dos alunos, que respondeu aos questionários, consome *best-sellers*, *Mangás* e *Histórias em Quadrinhos*, mas a falta de familiaridade com obras clássicas da literatura brasileira e a impressão equivocada de que a aula de literatura serve para aprender sobre o contexto histórico e características estéticas dos períodos literários.

Os alunos apontaram que dificuldades principalmente com o vocabulário transformam a leitura de uma obra literária clássica em uma atividade difícil e desmotivadora. Além disso, a temática, como no caso do livro *Vidas Secas*, muitas vezes, afasta o alunado, nesse caso o professor tem que ter um cuidado especial ao apresentar a obra à turma, já que *Capitães da Areia*, mesmo se tratando de uma obra clássica, não causou a mesma impressão, tendo bastante receptividade entre os alunos.

Outro aspecto interessante apresentado nos questionários é que a escola já não é mais o local onde se dá o primeiro contato com a literatura: os alunos são mais autônomos e a indústria do cinema e de games está cumprindo esse papel. O alunado não é o problema, pois todos os estudantes, em algum momento, relataram ter lido algum livro na escola. Além disso, percebe-se que a experiência de leitura foi positiva para a maioria no ensino fundamental II, o que, teoricamente, deveria ser um estímulo para continuar lendo no ensino médio. Este artigo levanta o questionamento: será que já não é o momento da escola repensar as práticas e metodologias utilizadas no ensino da literatura? Tantos avanços já foram conquistados na área de linguagens, como o ensino da Língua Portuguesa por meio dos gêneros textuais e a mudança dos conteúdos programáticos nas aulas de Educação Física, então por que o mesmo não acontece com as aulas de literatura?

O que este artigo propõe que para tentar solucionar esses entraves, a mudança da metodologia de ensino seja uma medida necessária. No lugar da escolha de livros em virtude do vestibular, introduzir o método recepcional como alternativa de valorizar as obras de preferência dos alunos e a partir daí realizar a transição para os clássicos literários. Quanto a isso, talvez, não haja nada de novo, porém este artigo endossa as etapas da teoria da recepção



conforme descreve Bordini em seu livro *Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas)*:

[...] o método recepcional de ensino funda-se na atitude participativa do aluno em contato com os diferentes textos. Partindo do horizonte de expectativas do grupo, em termos de interesses literários, determinados por suas vivências anteriores, o professor provoca situações que propiciem o questionamento desse horizonte. Tal atitude implicaria um distanciamento do estudante, uma vez que revisa criticamente seu próprio comportamento, redundando na ruptura do horizonte de expectativas e seu conseqüente alargamento. Com o ajustamento e essa nova situação, o passo seguinte é a oferta pelo professor de diferentes leituras que, por se oporem às experiências anteriores, problematizam o aluno, incitando-o a refletir e instaurando a mudanças através de um processo contínuo. Como sujeito é entendido como um ser social, sua transformação implica a alteração do comportamento de todo o grupo, atingindo a escola e a comunidade. O sucesso do método recepcional no ensino de literatura é assegurado na medida em que seus objetivos com relação ao aluno sejam alcançados, a saber:

- 1) Efetuar leituras compreensivas e críticas;
- 2) Ser receptivo a novos textos e a leitura de outrem;
- 3) Questionar as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural;
- 4) Transformar os próprios horizontes de expectativas bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social (BORDINI, Maria da Glória, p. 85).

Além do método recepcional, é importante que os alunos tenham acesso aos mais variados tipos de textos literários, pois a falta de diversidade também foi apontada como um problema no modelo atual das aulas de literatura. Perpetuar modelos arcaicos e retrógrados no ensino da literatura só virá afastar cada vez mais os jovens de uma vivência positiva e enriquecedora no encontro com os clássicos. Traumatizar alunos não é tarefa da escola, pelo contrário, a escola tem que ser a porta de entrada para transformação que a literatura pode proporcionar. A aula de literatura não pode ser reduzida a uma mera explanação de características cronológicas e estéticas: deve promover o letramento literário do aluno, despertando e ampliando a sua competência leitora e análise crítica de obras literárias. Esta afirmação propõe um outro problema de pesquisa que não foi abordado neste artigo: o da formação docente. Esta, no entanto, é uma outra história.

## REFERÊNCIAS

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FREIRE, Paulo. **A improtância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

MAGNANI, Maria do Rosário. **Leitura, literatura, escola: sobre a formação do gosto**. São Paulo; martins Fontes, 1989.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Ensino Médio: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: MEC / Secretaria da Educação Fundamental. 2000.

SOARES, Magda B. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy; BRINA, Heliana; MACHADO, Maria Zélia (orgs.) **A escolarização leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

## **The Teaching of Literature and High School: approximating distances**

**Abstract:** Teenagers, in the last few years, have been eagerly consuming literature, given the strong success of the Bienal (book fair) promoted by and for young audiences. However, when we face readings that have to be done in the school, this reality changes. In order to understand the reasons why this change occurs, this article intends to investigate, through a questionnaire applied to high school students of Jorge Street school, why reading in the school tends to be less attractive? Besides, the article will present methodological alternatives such as literary literacy, and the reception theory, with the purpose of bringing students closer to the literature presented in the school environment.

**Key words:** teaching, literature, literary literacy, reception theory.